

Revelações: a negociação de nossa dívida começou mal.

O *Wall Street Journal* conta que o Brasil, antes de ir ao FMI, apelou ao Morgan e contratou os serviços de um ex-executivo do Citibank. Nosso governo e os dois bancos são tachados de "inábeis".

O refinanciamento da dívida externa brasileira foi bastante prejudicado pela inabilidade do Morgan Guaranty Trust (acusado de estar mais interessado em abrir agências no Brasil) e do Citibank em conduzir as negociações com os demais bancos credores, e pela contabilidade fictícia do governo: quando a crise eclodiu em setembro do ano passado, as autoridades foram obrigadas a explicar reservadamente aos banqueiros que parte das reservas internacionais do País consistia "em dívidas incobráveis a cargo da Polônia" (cerca de US\$ 1,7 bilhão).

A informação foi divulgada ontem em Nova York pelo *Wall Street Journal*, que também publica uma mensagem do então embaixador norte-americano em Brasília, Langhorne Motley (atual subsecretário para Assuntos Interamericanos), dimensionando a crise brasileira para o Departamento de Estado: "Os bancos japoneses abandonaram o mercado, os bancos europeus estão assustados, os bancos regionais dos Estados Unidos não querem ouvir falar em Brasil e os principais bancos norte-americanos estão atuando com extrema cautelosa".

De acordo com o jornal econômico novo-iorquino, em outubro do ano passado (antes, portanto, das eleições, quando as autoridades ainda tentavam transmitir uma imagem de otimismo e negavam enfaticamente a possibilidade de apelo ao Fundo Monetário Internacional), tendo em vista as "dificuldades cada vez maiores para pagar o serviço da dívida", o governo contratou, como "consultor", um ex-vice-presidente do Citibank, G. A. Constanzo, e "decidiu entrar em contato com o FMI, para negociar um empréstimo de emergência".

No entanto, o passo mais importante consistiu em iniciar "conversações secretas" com o Morgan Guaranty Trust. Essa decisão provocou irritação e feriu suscetibilidades entre os demais credores nos meses seguintes. A escolha deveu-se menos ao volume de créditos da instituição junto ao País (menos de US\$ 2 bilhões, o que colocava o Morgan

atrás de outras entidades) e mais ao fato de que um de seus vice-presidentes, Anthony Gebauer, "estava estreitamente ligado aos brasileiros".

"Estupidez e teimosia"

Citando fontes de bancos "rivals" do Morgan, o *Wall Street Journal* afirma que a instituição aceitou a tarefa, "pensando que se conseguisse salvar o Brasil do abismo, com a adoção de medidas relativamente benignas, isso facilitaria a abertura de uma sucursal que o Morgan queria instalar" no país.

O jornal informa ter interrogado o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, sobre este aspecto da crise. O ministro não quis fazer declarações, limitando-se a comentar que "poderia escrever um livro" sobre o assunto.

Porta-vozes do próprio Morgan não quiseram falar, "por medo de colocar em perigo as relações" com o Brasil. Uma fonte assegurou, porém, que o Morgan "quis manter em segredo suas conversações (com o Brasil), por temer que outros credores se alarmassem, ao saber que o Brasil já havia recorrido a um de seus credores em busca de ajuda".

No entanto, outros banqueiros norte-americanos criticaram o Morgan e o Citibank (que assumiu posição igualmente importante nas negociações, a partir de dezembro), observando que as duas entidades praticamente assumiram controle total das negociações.

— Não me lembro de que se tenha votado alguma vez qualquer proposta — comentou uma fonte, dando a entender que tanto o Morgan quanto o Citibank se comportaram de maneira autoritária frente aos demais credores (cerca de 700).

De acordo com outras fontes, esses dois bancos, colocados pelo governo como chefes das negociações, atuaram com "estupidez e teimosia, colocando em perigo a posição de muitos outros credores".